



**COLEGIADO DO CURSO DE PSICOLOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

ESTHERFANE DE ASSIS NASCIMENTO

**A PSICOMÚSICA COMO FERRAMENTA TERAPÊUTICA NA
PSICOTERAPIA INFANTIL**

Ilhéus - Bahia
2021

ESTHERFANE DE ASSIS NASCIMENTO

**A PSICOMÚSICA COMO FERRAMENTA TERAPÊUTICA NA
PSICOTERAPIA INFANTIL**

Artigo científico entregue para acompanhamento
como parte integrante das atividades de TCC II do
Curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus, com
a orientação do Prof. Me. Walmir dos Santos
Monteiro.

Ficha Catalográfica
(feita pela Bibliotecária após a aprovação do trabalho)

A PSICOMÚSICA COMO FERRAMENTA TERAPÊUTICA NA PSICOTERAPIA INFANTIL

ESTHERFANE DE ASSIS NASCIMENTO

Aprovado em: __ / __ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Walmir, dos Santos Monteiro - Mestre
Faculdade de Ilhéus - CESUPI
(Orientador)

Prof. Marcos Aurélio Lordão Rocha - Especialista
Faculdade de Ilhéus - CESUPI
(Avaliador I)

Prof. Lahiri Lourenço Argollo - Mestre
Faculdade de Ilhéus - CESUPI
(Avaliador II)

Dedicatória

A Deus, o criador de todas as artes e meu criador. A minha rainha-mãe Ester, sou sua princesa. Digo isso porque a ela devo o meu ser. A minha avó Maria *in memoriam*. Ao meu tio Gênesis, minha tia Rute e meu irmão Alexandre. A vocês minha eterna gratidão, pelo amor, pelo apoio, pela motivação constante e por acreditarem em mim sempre! Dedico a mim mesma, por ter conseguido, apesar de todos os desencantos, concluir mais uma etapa da jornada.

Agradecimentos

Agradeço a Deus, meu Eterno Rei, pelo imerecido favor de me amar incondicionalmente, animar-me nos momentos desencantados e me fazer prosseguir acreditando que adiante os momentos encantados viriam. E para honra e glória do nome dele, esse tempo chegou.

A minha mãe, minha rainha Ester, quero agradecer por todo seu amor, carinho, cuidado, mimos, por seu colo, por seu apoio constante, por seu abraço que é castelo para mim. É infinita a minha gratidão por Deus me abençoar tendo a escolhido para ser minha mãe. Nenhuma mãe conseguiria exercer com tanta excelência, encanto, ternura e sabedoria essa missão. Obrigada por tudo que a senhora fez, faz e fará por mim. Obrigada por realizar o possível e o impossível para que essa jornada chegasse ao fim.

Minha gratidão in memoriam ao meu grande e eterno amor, minha avó Maria, que está sempre presente na minha vida, na minha memória e no meu coração. Minha imensa admiração pela rainha que a senhora foi. Obrigada pelo legado que deixou de amor, fortaleza e abnegação! Sinto muito orgulho em ser chamada de neta de Dona Maria.

Quero agradecer ao meu amado tio Gênesis, um pai para mim. Obrigada por todo amor, carinho, apoio, suporte, por sempre investir e acreditar em mim. Gratidão infinita por tudo que o senhor fez e faz por mim. Sem o senhor não seria possível realizar esta missão. Sou grata a Deus pelo privilégio e honra de tê-lo na minha vida.

Quero agradecer a todos os meus familiares e de uma forma especial a minha tia Rute que é uma mãe para mim, obrigada por todo apoio, por todo amor, obrigada por tudo. Obrigada por ter me apresentado o universo musical. Você me inspira. Se hoje eu sou, é porque a senhora foi um dia. Quero agradecer ao meu amado irmão Alexandre, meu melhor amigo, por sua parceria de todos os momentos, pelos conselhos sinceros, pelo amor e cuidado que tem por mim. Obrigada por me apoiar em minhas decisões e pelo suporte nos momentos difíceis. Quero agradecer a meu tio Alessandro, tia Marta, tio Eduardo, meu pai Gilcélio, tia Ed, meus irmãos Joás e Aninha pelo carinho e pelas orações.

Quero agradecer a todos os meus amigos e em especial Phanne, Nath, Chris, Gabi, Sol, Clara, Beca, Luizinho, Nessa, Tata, Aninha, Cris, Evelyn, Katita, Toinho, Gogui, Mimi, tia Dilza, tio Daud, Helen, Kinha, Lubis, Ygor e Ingrid. Obrigada por estarem ao meu lado nesse desafio, pelos conselhos, obrigada por tudo e por tanto! Obrigada por acalmarem meu coração quando as coisas saíam dos eixos. Quero agradecer aos meus colegas de classe que viraram amigos do coração durante esses cinco anos Thaisnan, Carol, Lara, Vitória e Nara. Obrigada

por tudo e por tanto! Com vocês as coisas se tornaram mais leves e mais encantadas! Agradeço aos novos amigos Rick e Iago! Obrigada de coração por tudo e por tanto! Com vocês segurando minha mão a jornada foi mais leve! Gostaria de agradecer aos psicodramantistas/psicomusicistas Débora, Paulo, Maria e Karen pela troca! Quero agradecer a minha psicóloga Cris Formighieri. Você foi e está sendo muito importante nesse processo.

Ao meu orientador, Walmir dos Santos Monteiro, minha gratidão por toda paciência, por sua dedicação e compromisso comigo. Gratidão infinita por ter me apresentado o psicodrama. Obrigada por ter compartilhado comigo seu vasto conhecimento. Foi uma honra ser sua orientanda. Obrigada por ter confiado em mim. Obrigada por seu apoio, sua motivação eles foram muito importantes para me encorajar e me dar forças para chegar ao fim.

Agradeço a todos que sonharam junto comigo de alguma forma. Vocês contribuíram para a conclusão dessa etapa da jornada. A minha eterna gratidão.

Por fim, não posso deixar de mencionar a banca de avaliação que tão gentilmente aceitou esse desafio, professores Marcos Aurélio Lordão Rocha e Lahiri Lourenço Argollo. Aceite que muito me honra.

A PSICOMÚSICA COMO FERRAMENTA TERAPÊUTICA NA PSICOTERAPIA INFANTIL

Estherfane de Assis Nascimento¹

RESUMO

A psicomúsica, recurso que pode ser utilizado em psicoterapia, pode ser vista como uma ramificação da técnica terapêutica de ação e interação pela dramatização, chamada de psicodrama. Assim, a psicomúsica desenvolveu-se como uma ferramenta terapêutica, utilizando como objeto intermediário as inter-relações entre o corpo, o som, a música. Nesse sentido, esta pesquisa tem por objetivo refletir criticamente sobre as possíveis contribuições da psicomúsica, tomada como ferramenta psicoterapêutica, no desenvolvimento do acompanhamento psicológico com crianças. Teoricamente, parte-se dos pressupostos epistemológicos e metodológicos desenvolvidos e propostos por Jacob Levy Moreno (1974; 1977; 1993; 2014), criador do psicodrama e da psicomúsica. Por meio da pesquisa bibliográfica, de cunho exploratório e qualitativo, realiza-se uma revisão de literatura sobre o psicodrama, a psicomúsica e o papel da música na psicoterapia infantil. Constata-se o potencial da psicomúsica na facilitação do processo de psicoterapia, uma vez que pode facilitar a relação do paciente com o terapeuta pela propriedade lúdica e inspirativa natural da música, assim como pela capacidade de proporcionar a atividade de catarse. Outro resultado defendido e fundamentado, nesta pesquisa, em relação ao uso da psicomúsica como instrumento da psicoterapia infantil, é que sua introdução no tratamento psicológico de crianças poderá auxiliar também nas diversas questões psicológicas que envolvem a infância e são alvo do trabalho terapêutico.

Palavras-chave: Psicodrama. Psicomúsica. Musicoterapia. Psicologia Infantil. Ferramentas psicológicas.

THE PSYCHOMUSIC AS A THERAPEUTIC TOOL IN CHILD PSYCHOTHERAPY

ABSTRACT

The psychomusic, a resource that can be used in psychotherapy, can be read as a branch of the therapeutic technique of action and interaction through dramatization, called psychodrama. Thus, psychomusic has developed as a therapeutic tool, using as intermediary object the interrelationships between the body the sound and the music. In this sense, this research aims to critically reflect on the possible contributions of psychomusic, taken as a tool of psychotherapeutic, in the development of psychological monitoring with children. Theoretically, it starts with the epistemological and methodological assumptions developed and proposed by Jacob Levy Moreno (1974; 1977; 1993; 2014), creator of psychodrama and psychomusic. Through bibliographic research, of an exploratory and qualitative nature, a

¹ Discente do 9º semestre do Curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus. E-mail: te_ti_linda@hotmail.com.

literature review on psychodrama, the psychomusic and the role of music in child psychotherapy is carried out. The potential of psychomusic in facilitating the process of psychotherapy is evidenced, since it can facilitate the patient's relationship with the therapist by the natural playful and inspiring property of music, as well as by the ability to provide the catharsis activity. Another result defended and substantiated in this research, in relation to the use of psychomusic as an instrument of child psychotherapy, is that its introduction in the psychological treatment of children may also help in the various psychological issues that involve childhood and are the target of therapeutic work.

Keywords: Psychodrama. Psychomusic. Music therapy. Child psychology. Psychological tools.

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, buscou-se agregar conhecimentos sobre a utilização da psicomúsica como ferramenta terapêutica na psicoterapia infantil. Para tanto, aborda-se de forma crítica os fundamentos do psicodrama e sua relação com a psicomúsica (MORENO, 2014). Inicialmente, aponta-se, de forma sucinta, as origens da psicomúsica como método de integração/interação tal qual fora pensado e desenvolvido nos trabalhos de Jacob Moreno (2014). Em seguida, discute-se sobre a aplicação desta técnica pelos psicodramatistas, de modo a problematizar seu desenvolvimento desde seu surgimento até sua autonomização como técnica terapêutica atrelada ao psicodrama, aqui considerado em seu sentido amplo e não apenas como a terapêutica envolvendo o teatro.

Dando continuidade ao debate sobre a psicomúsica como instrumental terapêutico da psicoterapia infantil, o nosso olhar recai sobre o trabalho do psicólogo com crianças que pode utilizar a psicomúsica como ferramenta terapêutica. Em seguida, apresenta-se uma incursão aprofundada na psicomúsica como instrumento para melhora do estado psicológico da criança e seu prognóstico.

Esta pesquisa configura-se como uma pesquisa bibliográfica, de cunho exploratório-qualitativo, cuja questão norteadora se convoca a apresentar uma resposta cientificamente embasada sobre a utilidade da psicomúsica como ferramenta do profissional de psicologia que trabalha no desenvolvimento psicológico de crianças.

Não há uma tradição na psicologia do uso da música como ferramenta terapêutica. A psicoterapia infantil tem uma tradição de uso de brinquedos, desenhos, pinturas e outras atividades artísticas projetivas e expressivas a partir das quais é facilitado o acesso à subjetividade da criança e aos seus conflitos existenciais, psíquicos etc. Trazer a música para o

universo terapêutico pode significar uma quebra de paradigma. E aqui o que se espera é que seja respondido o problema que norteia esta pesquisa, em relação à conveniência da psicomúsica na terapia, mais especificamente: de que modo a psicomúsica pode contribuir com a psicoterapia realizada com crianças?

Nesse sentido, tem-se como objetivo geral: conhecer as possíveis contribuições da psicomúsica no desenvolvimento do trabalho psicológico com crianças. E os objetivos específicos são: a) investigar as origens da psicomúsica e suas aplicações gerais; b) identificar publicações sobre a aplicação da psicomúsica na melhora do estado psicológico da criança; c) identificar interfaces entre psicomúsica e psicodrama; e d) compreender como o psicólogo pode utilizar a psicomúsica no contexto da terapia infantil.

Embora a utilização da música como técnica terapêutica na prática psicológica seja consideravelmente ampla, com grande quantidade de trabalhos acadêmicos publicados sobre essa questão, especificamente sobre a prática comumente chamada de musicoterapia, a temática alvo dessa pesquisa, a saber, a psicomúsica, não tem sido objeto de estudo de muitos autores, inexistindo um número expressivo de trabalhos acadêmicos publicados, entre artigos, dissertações e teses.

Em outro sentido, examinando grades curriculares dos cursos de psicologia do sul da Bahia nenhuma contempla em suas nomenclaturas de disciplinas e ementas qualquer menção à psicomúsica ou à musicoterapia, levando-nos a concluir que essa prática não tem sido utilizada no exercício da clínica psicológica com crianças, daí o interesse da presente pesquisa.

Cabe-nos destacar que os diversos trabalhos publicados encontrados versam especificamente sobre o psicodrama, de modo que a psicomúsica comparece como objeto secundário, inclusive nos escritos de Jacob Moreno (2014). A psicomúsica é, assim, tomada, nesses trabalhos, como uma técnica dependente do psicodrama ou, como em Moreno (2014), como um método com relativa independência ainda em vias de desenvolvimento, aprimoramento. O que deixa entrever a ausência de um trabalho teórico necessário ao desenvolvimento epistêmico da psicomúsica como um método autônomo em relação ao psicodrama. É como se a técnica estivesse, em Moreno (1977), a espera de uma fundamentação capaz de conceder-lhe autonomia. Autonomia essa desenvolvida pelos continuadores do trabalho de Moreno, a exemplo de Martha Figueiredo Valongo (1993), Carlos Daniel Fregtman (1989) e Kenneth Bruscia (2000) que fundamentam a prática da psicomúsica como um método terapêutico atrelado aos pressupostos científicos da psicologia. Isso a diferiria radicalmente da musicoterapia, uma vez que diferente dessa, a psicomúsica tem sua origem na psicologia (BRUSCIA, 2000), estando, com isso, atrelada, necessariamente, a um método cientificamente

comprovado, produzindo seus efeitos desde um objeto delimitado: a subjetividade. Ainda que a musicoterapia foi, progressivamente, incorporada à psicologia, sua aplicação não é restrita à prática psicológica, sendo, pelo contrário, mais comum que esteja desvinculada dos pressupostos epistêmicos, teóricos e científicos que fundamentam o estudo da subjetividade pela ciência da psicologia (PADILHA, 2008).

A musicoterapeuta Marisa do Carmo Padilha (2008) chama atenção para a composição das grades dos cursos (bacharelados) de musicoterapia que quase não apresentam disciplinas da área da psicologia, combinando disciplinas normalmente oferecidas em cursos de música com disciplinas do campo da neurociência. Disso resulta em sua abordagem radicalmente distinta em relação a psicomúsica, visto que enquanto a psicomúsica se orienta pelos processos subjetivos e pela subjetividade, a musicoterapia tem seu campo de atuação direcionado à compreensão do processo biológico-comportamental do indivíduo. Dessa forma, entende-se que realizar o diálogo entre a psicomúsica e a psicoterapia se constitui um grande desafio, visto que não se observa como sendo tão habitual na prática clínica psicológica a utilização da música como objeto intermediário e pouco se escreveu sobre essa questão.

Aqui não se incluem os trabalhos que versam sobre a musicoterapia, por entender se tratar de práticas distintas, que apenas compartilham a utilização da música como objeto intermediário, cujas interpretações em relação dos efeitos desse uso são, consideravelmente, divergentes. Isto porque enquanto a psicomúsica interessa-se a pensar essa interação corpo-som desde o paradigma da subjetividade e seus efeitos psíquicos, a musicoterapia parte de um paradigma biológico para explicar o desencadeamento de reações no corpo pela prática musicoterapêutica, reações lidas meramente como químicas, de modo a desprezar o elemento psíquico (KELLERMANN, 1998)

A presente pesquisa é, então, um estudo sobre as possibilidades clínicas da música na terapia, sem relacioná-la a nenhuma abordagem específica como a musicoterapia, embora o psicodrama conste como matriz de desenvolvimento da psicomúsica, de tal modo que possibilite uma abertura da técnica psicodramática, no âmbito bipessoal e grupal. Estendendo-se da experiência sonora, auditiva da música, para além das representações terapêuticas de encenação de papéis – teatralização.

Esta pesquisa tem como base referencial estudos desenvolvidos por Moreno (1977; 1993; 2014), e posteriormente continuados por autores como Valongo (1993), Fregtman (1989), Bruscia (2000), Rojas-Bermudez (1984), Kellermann (1998) e Cunha (2016).

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa bibliográfica, de cunho exploratório, voltada a uma revisão de literatura sobre psicodrama, psicomúsica e o papel da música na psicoterapia infantil, utilizou os seguintes descritores nas bases de dados do *Google Acadêmico* e *Scielo*: psicomúsica, psicodrama, musicoterapia e psicoterapia infantil. Não houve critério temporal para inclusão das publicações.

Cabe ainda destacar que esta pesquisa se configura como uma pesquisa analítica e qualitativa. Isso significa que, aqui, considera-se a subjetividade do pesquisador como algo incontornável no fazer científico, de modo a tensionar assim o imaginário de objetividade radical e de imparcialidade, ambos herdeiros da concepção positivista dura de ciência: “Ao observar de forma participativa, a dualidade cartesiana de ‘observador’ e ‘observado’ é rompida. O investigador se torna parte do ambiente que está sendo investigado.” (REES, 2008, p. 258). Disso resulta o reconhecimento de que a pesquisa, enquanto uma ação humana, consubstancia-se como uma teia de significações, pelas quais opera a subjetividade do pesquisador, que é, assim, na prática de pesquisa, convocado a interpretar e fazer suposições com base numa rede densa de informações, conhecimentos e fatos.

3 A PSICOMÚSICA E A PSICOLOGIA INFANTIL

Conforme apontou Moreno (1993), o psicodrama agrega diversos gêneros artísticos como o canto, o teatro, a dança, a música e a literatura, surgindo nesse contexto a psicomúsica que se desenvolveu como uma ferramenta terapêutica, utilizando como objeto intermediário apenas a música. Moreno (2014) definiu duas formas de psicomúsica. A forma orgânica, delimitada como a experiência musical realizada pelo próprio corpo, e a forma instrumental, definida como experiência musical realizada por meio da utilização de instrumentos. Sendo, assim, uma forma de improvisação.

Bruscia (2000) afirmou que a experiência musical constitui sempre uma experiência pessoal. Sendo, portanto, uma forma singular de expressar traços da nossa identidade, emoções e corporeidade. Já Rojas-Bermudez (1984) demonstrou que o psicodrama, pensado como terapia da ciência psicológica, constitui-se um procedimento de ação e interação, cujo núcleo é a dramatização, valendo-se também da arte musical, com a música emoldurando a performance corporal sobressaindo como importante auxílio dos meios de expressão de defesas conscientes

e inconscientes do paciente, mostrando, com isso, algo do conteúdo de seus comportamentos, por assim dizer, patológicos. Em seus próprios termos:

Diferentemente das psicoterapias puramente verbais, o psicodrama faz intervir, manifestamente, o corpo em suas variadas expressões e interações com outros corpos. Essa intervenção corporal envolve o compromisso total com o que se realiza, compromisso que é fundamental para a terapia e, conseqüentemente, para o indivíduo e para o desenvolvimento de melhores e mais completos meios de comunicação com seus semelhantes (ROJAS-BERMUDEZ, 1984, p. 21).

Com a psicomúsica, também Rojas-Bermudez (1984) encontrou uma técnica proporcionadora de uma musicalidade bem geral, não estando mais restrita a músicos profissionais. Na psicomúsica, os participantes são levados a criarem e produzirem suas próprias músicas, visto que se funda naquilo que Moreno (1993) chamou de experiência reveladora dos fenômenos da subjetividade e da consciência. Desse modo, há um claro caráter pessoal inerente a essa prática: “A música desempenha um papel intrínseco no processo terapêutico e entremeado com o Psicodrama, toma uma forma híbrida, diferente de outras, numa união indivisível, um algo a mais” (CUNHA, 2016, p. 34).

Embora associada ao psicodrama, e por isso, ao teatro, a música é um gênero artístico autônomo e com características singulares. É uma das formas de expressão e de linguagem mais antigas que possuímos. Segundo Cunha (2016), tendo surgido ainda na Pré-história, a música é uma linguagem natural e universal. Por isso, ao desenvolver seu método terapêutico na psicologia, Moreno (1993) sustentou um retorno à experiência musical primitiva, um retorno à espontaneidade natural potencializada pela música, visto que tal forma de expressão teve desenvolvimento espontâneo e universal. Tal retorno pode ser lido como uma defesa de um humanismo radical, visto que recorre a existência de uma experiência musical primeira do humano, bem como sustenta uma concepção de sujeito consciente que agiria no processo social e histórico frente aos condicionamentos ditos estruturais.

Dessa forma, deduz-se que a psicomúsica é uma técnica de interação terapêutica específica, utilizada por muitos psicodramatistas como objeto auxiliar no aquecimento, nas encenações, como trilha sonora e como corte entre as cenas, além de sua utilização em jogos teatrais. Por isso, Moreno entendeu a psicomúsica como uma possível técnica psicodramática. A propósito, Fregtman (1989) acrescenta que a utilização dos variados instrumentos musicais pode produzir uma trajetória para os conflitos particulares dos pacientes; confirmando, assim, a reflexão de Moreno (1993) ao sustentar que a música, profundamente ligada à espontaneidade,

pode muito bem ser utilizada como instrumento terapêutico para o aprofundamento da interação e da espontaneidade.

Em seu único livro específico sobre psicomúsica, a saber: *Psicomúsica y sociodrama*, Moreno (1993) descreveu relatos sobre a psicomúsica, descrevendo a utilização da psicomúsica como fase de preparação e aquecimento do psicodrama. Observa-se, assim, que Moreno (1993) não fundamentou a música como um método autônomo de terapia, mas condicionou-a ao psicodrama. Utilizando a forma orgânica, o participante se aqueceria também produzindo sons e gestos apenas com seu corpo. Isso ocorreria antes de encenar situações reais e/ou imaginárias, sendo que os participantes não devem utilizar nenhum instrumento musical e evitar clichês sonoros, já que o objetivo da psicomúsica é a catarse psicomusical. Há, nessa afirmação, clara inspiração na poética aristotélica, segundo quem:

Com efeito, as emoções que provocam uma afecção forte em certas almas ocorrem em todas elas, mas com maior ou menor intensidade; assim sucede com a piedade, o temor e o entusiasmo. Aliás, há quem se deixe influenciar, sobretudo, por essa última emoção. É o que verificamos na música sagrada, quando alguém, afetado por melodias que arrebatam a alma, recupera a serenidade, como se estivesse sob efeito de um remédio ou de uma purificação. Essas mesmas emoções têm necessariamente que afetar não só os que se encontram dominados pela piedade e pelo temor, ou por qualquer paixão em geral, mas também os restantes, à medida que se deixarem dominar por esses sentimentos. Ora, em todos eles será provocada uma determinada purificação e alívio, acompanhada de prazer (catarse). De modo similar, também as melodias purificadoras incutem nos homens um contentamento sem mácula. É precisamente com essas harmonias e melodias que os músicos de palco devem competir nos concursos. (ARISTÓTELES, 1990, p. 39-40).

Enfim, com Moreno (1993), pode-se sustentar que a finalidade da psicomúsica é também promover a catarse enquanto expurgo emocional, purificando emoções pela liberação de sentimentos negativos.

3.1 Psicomúsica e suas implicações emocionais

A questão do expurgo emocional e a possibilidade de o sujeito libertar-se de entraves emocionais são alguns dos fatores benéficos potencializados pelo uso da música na terapia psicológica. Efeitos esses já percebidos desde Aristóteles, como supracitado. Dessa forma, a música funciona como suporte, pois, em sua estruturação, tanto teórica quanto prática, é constituída por composição, padrões rítmicos que ajudam a desenvolver a empatia, sensibilidade, afetividade e alteridade tanto em quem a escuta quanto em quem a executa praticamente. Logo, o sujeito pode ser levado a se aproximar, por meio da compreensão de seus

sentimentos, de situações que buscava distância. Isso ocorre através da aproximação com seus sentimentos e emoções por meio das composições melódicas (ALVES RIBEIRO 2014).

Nesse sentido, Moreno (1993) afirma que a função da música, no cantodrama e no psicodrama, primeiramente é a de catarse. Pressupondo-se que ao iniciar os trabalhos com a música ela tem condições de realizar a catarse, fazendo os participantes se contatarem com suas situações problemáticas, narrando-as.

Assim, cabe pontuar que diferente da musicoterapia, conforme Padilha (2008), a psicomúsica reconhece uma ação terapêutica na música em si. A atuação do profissional tende a maximizar o potencial terapêutico da música e não criar essa dimensão.

A música, então, pode permitir o sujeito projetar mais expressivamente seus sentimentos (MORENO, 1993). A catarse é a projeção de sentimentos, eliminando assim barreiras emocionais e psicológicas. Resumindo, a psicomúsica é uma ferramenta que potencializa o desbloqueio das emoções e pode gerar tranquilização aos participantes (BRUSCIA, 2000). No caso dos desbloqueios das emoções, o sujeito pode conseguir se expressar sobre seus sentimentos, em relação aquilo que o incomoda e este é o principal objetivo dessa ferramenta em termos de aplicação (CUNHA, 2016).

Cunha (2016) discorre também a respeito da letra musical, com a sua melodia, harmonia e ritmo, uma vez que a música seria a arte de combinar os sons e expressar os sentimentos, fazendo com que o sujeito tenha acesso mais fácil e mais rápido àquilo que o afeta e aos seus conflitos emocionais, além de lançar luzes sobre as questões mais específicas que o estão incomodando. O participante pode ter assim melhor relação com seus sentimentos, dando sentido àquilo que vivencia e gera seus conflitos.

Os sons do corpo, em adição a tudo isso, são manifestações imediatas da condição emocional da pessoa. De acordo com seu desprendimento ou, ao contrário, sua inibição, no momento em que começa a descobrir esse universo do canto, a partir da emissão de sons do corpo, pode ter uma apropriação de suas referências de corpo, de corporeidade, conseguindo visualizar melhor seus bloqueios e podendo ultrapassá-los:

No nível musical, os inputs são os sons que são suficientemente controlados ou organizados e que criam entre si relações intrinsecamente significativas. Exemplo deste tipo de sons são os elementos musicais como o ritmo, a pulsação, a tonalidade, a harmonia, a textura e o timbre, como sucede nas improvisações, composições e interpretações. Por outro lado, os outputs são os esforços intencionais de escutar e criar música. Isto implica discriminar, analisar, interpretar, sentir e preferir (TELES RIBEIRO, 2014, p. 9).

Acerca do nível extramusical, aquele a que a psicomúsica se propõe atingir por seus meios de terapia, há, em essência, *inputs* em grande parte das composições musicais e arranjos que despertam sensações “dentro” da pessoa, em seu corpo e sua alma, de modo que pode se identificar com situações que retratam acontecimentos vividos anteriormente. E, quando a pessoa se identifica com essas, pode reviver experiências profundas que teve recentemente ou ao longo de sua vida. Nos *outputs*, há formas de significado diferentes, mais sólidos e concretos, como mímica, dança, encenação, os movimentos em geral que fazem o indivíduo “sentir” o momento.

Teles Ribeiro (2014) também aponta o nível para-musical, colocando certos aspectos ambientais. Melhor explicando, seria o cenário no qual a música, mesmo que esta não esteja presente em forma de melodia, é apresentada e criada. Também fazem parte da experiência da psicomúsica os holofotes, os cantores, os instrumentos e as tablaturas, todos esses fomentam a imersão do sujeito no tratamento.

O corpo do sujeito e sua subjetividade são ramificações das maneiras de expressividade que se manifestam por meio da música, se soltam e se desdobram quando mesclados com construções musicais que vem de seu interior, e encontram espaço nos instrumentos, seja através de batuques, de movimentos não-padronizados ou coordenados, o corpo é tomado, na psicomúsica, como um instrumento de fato:

No livro *Psicomúsica y Sociodrama*, Moreno (1965) relata essas duas experiências, sendo a primeira na forma orgânica, onde propõe um aquecimento com gestos e sons, após o que alguém sobe ao cenário e representa situações reais e imaginárias. O diálogo é acompanhado de exclamações cantadas e de gestos e movimentos. O público repete como um coro, cada uma das exclamações emitidas pelo sujeito. O aquecimento, conforme Moreno, pode ser feito com diversos métodos e o público não deve cair em nenhum procedimento instrumental e em nenhum clichê (ARAÚJO, 2013, p. 27).

Por meio de Monteiro (1993), vê-se que Moreno elaborou passos de como alcançar a espontaneidade do corpo pela extensão sensível da música. Primeiramente, lança o enfoque na relação do sujeito com a música, na troca de papéis, na junção da voz e do corpo do sujeito com outros corpos e vozes, como cantar conjuntamente em um coro, realizar diferentes passos de uma dança específica sozinho ou em conjunto com outras pessoas, a criação de diferentes manejos e instrumentação, etc. Em segundo lugar, quando alcançada a realidade espontânea, busca-se por “recortes” que remontem sensações similares a experimentada, a calma que isso proporciona e o “*sharing*” ou compartilhamento da dramatização dessa com outros.

Ao acompanhar o crescimento do indivíduo por meio das técnicas e exercícios da psicomúsica, pouco a pouco, o participante começa a desvencilhar-se das reações afetivas negativas e a associar os sons e melodias, que compõe ou escuta, às particularidades pertencentes a sua individualidade, as suas emoções, sentimentos e pensamentos, obtendo autoconhecimento e maior nível de resiliência quanto aos conflitos conscientes e inconscientes que possui, como mencionado anteriormente neste tópico. Novas cores vêm à tona no universo do sujeito, e este é capaz de produzir novas formas de viver e se expressar perante sua realidade atual.

3.2 O trabalho do psicólogo com a psicomúsica na psicoterapia infantil

Valongo (1993) mostra como a espontaneidade das músicas e do corpo podem estar sendo perdidas aos poucos pela música profissional. Para a autora, muito da criatividade e liberdade nos movimentos no corpo e na forma de pensar pode acompanhar o indivíduo conforme este se desenvolve, de modo a mudar sua forma não apenas de tocar música, mas de como ser e se portar também. Nesse sentido, as crianças seriam um objeto de estudo interessante, pois, por natureza, em seu crescimento, acabam por imitar os hábitos e movimentos de seus pais e das pessoas que as cercam.

Nesse sentido, certos comportamentos infantis, vulgarmente considerados como “birras”, podem ser entendidos e melhor interpretados quando analisados através da psicomúsica, pois a música exige do infante um trabalho harmonioso, incitando todo o seu corpo a se colocar em movimento, ao mesmo tempo que pode fazê-lo se perceber enquanto individualidade, de modo a facilitar que se conecte com a sua interioridade. A música faz uma ponte com o universo fora de si através de sons e movimentos não planejados ou diretivos, deixando a subjetividade da criança livre e solta para transmitir a mensagem que queira passar para seu interlocutor, sejam eles seus pais ou o psicoterapeuta (RODRIGUES; ROSIN, 2011).

A interioridade sentida pela criança pode ser tanto de cunho emocional como de cunho intelectual, como apontado por Mattos (2014). Ou seja, a música, no processo terapêutico, pode auxiliar no processo de interação e de autoconhecimento da criança, atuando em seus aspectos cognitivos e emocionais. De certo modo a sensibilidade é externalizada exatamente naquilo que a pessoa visualiza em sua mente e corpo, como no emocional, que remete a diferentes sentimentos como alegria, tristeza, raiva, ódio, inveja, simpatia, antipatia, preguiça, medo etc.

Araújo e Andrade (2011) afirmam que a música tem contribuição no esparecimento da mente, fazendo o sujeito, mesmo que esse seja muito novo, a focar nas partes boas e positivas

da situação, podendo excluir ou minorar negatividade do seu entorno. Isso resulta inclusive em estímulo na criança a desenvolver mais autocontrole em ambientes familiares em que há brigas e discussões intensas dentro de casa ou grande número de distrações, a exemplo de barulhos. A música, quando direcionada por profissional qualificado, pode servir a motivação do indivíduo, estando, portanto, associada aos processos cognitivos superiores, de modo a despertar emoções.

Vale ressaltar que nas crianças autistas, por exemplo, que especialmente são sensíveis aos estímulos externos com sons estridentes, a música teria poder de ser usada para acalmá-los, em uma possível crise emocional. A mesma fórmula, então, poderia ser aplicada em outros casos e até mesmo com pessoas mais velhas a depender do cenário:

A música, então, ouve o sujeito dizendo ‘sim’ a alguém que ele não sabe quem é, e agora nem mesmo sabendo quem é que está dizendo ‘sim’. No máximo, o sujeito sabe que se trata da articulação entre um receptor que, no sujeito, recebeu o apelo que a música carregava, e a aparição de um emissor, que se dirige à música para chamá-la. A escuta musical comporta, assim, este poder misterioso de habilitar o encontro do sujeito com um consigo mesmo que ele desconhece, de torná-lo, em um só momento, aquele que diz ‘Sim, sou chamado por você’ e ‘Sim, eu chamo você’ (D’AVILA, 2009, p. 94).

Percebe-se que a música tem a característica de facilitar o “diálogo” com as crianças, construindo boas bases de relações, seja com seus pais praticando atividades e brincadeiras, seja com seus colegas e amigos de escola ou vizinhos. Quando participante na psicoterapia, a criança pode compreender que os grupos musicais precisam trabalhar juntos e harmoniosamente para produzir sons e músicas agradáveis. Dessa forma, valores importantes como a empatia com o próximo e o respeito com este são indispensáveis e essenciais (RODRIGUES; ROSIN, 2011).

Em um projeto realizado em uma escola pública de Belo Horizonte, Rosin e Rodrigues (2011) colocaram em prática a confecção de exercícios musicais entre alunos e professores. Sendo as relações entre esse marcadas por desavenças, estresse e desentendimentos. Conforme os participantes iam concluindo os exercícios juntos, notadamente se viram mudanças no comportamento, postura e forma de tratamento entre os dois grupos, reduzindo os picos de ansiedade e agitação dentro da sala de aula. Resultando, conseqüentemente, no melhor desempenho escolar, tanto nas metodologias e didática dos professores, quanto na qualidade do aprendizado das crianças.

Dessa forma, pode-se inferir que, assim como nesse estudo voltado exclusivamente para os efeitos da música em estudantes de uma escola, a psicomúsica também poderia contribuir e

muito no crescimento do gosto pelo saber e do respeito da criança em outros ambientes também, não somente o escolar.

3.3 A psicomúsica como instrumento de desenvolvimento e maturação do psicológico da criança

Em um estudo realizado por Arnon (2011) com recém-nascidos, se provou que a música pode promover diversos benefícios no curto, médio e longo prazo. Em uma análise realizada, em 2002, foi feita uma investigação e apuração dos efeitos da musicoterapia em recém-nascidos prematuros, constatando-se que a música propiciou aos infantes “[...] ganho de peso, redução dos comportamentos de estresse e do tempo de hospitalização, e níveis elevados de saturação de oxigênio por curtos períodos de tempo” (ARNON, 2011, p. 182).

Não somente aspectos físicos e fisiológicos são importantes para o desenvolvimento saudável da criança, como também a aquisição de habilidades sociais e de cognição. Desse modo, a música pode ser grande aliada na criação de aproximação nas relações entre os indivíduos. Por isso, faz-se necessário o uso de música no desenvolvimento da criança, desde cedo, de modo a contribuir com desenvolvimento de capacidades cognitivas e motoras. A música pode auxiliar a cooperação, o sentimento de grupo e fraternidade, desestimulando a competição, bem como pode ser utilizada na potencialização da escuta e para a percepção de inconformismos e distorções. Fatores relevantes que poderão talvez ser aproveitados no decorrer da vida (BRITO; KOLLER, 1999).

Estimular as relações saudáveis contribui muito para um crescimento mais expansivo e espontâneo da criança. Administrar essas relações com intervenção musical pode propiciar maior entendimento das manifestações da criança na psicoterapia por meio da prática musical, visto que ela pode captar os diferentes ritmos, letras e as variações nos batiques e batidas. Enxergando que, assim como muitas melodias possuem composições até parecidas, no geral, ainda sim, possuem diferenças singulares que lhes dão uma “aparência” e sensação única.

Há aí uma rica metáfora: as relações entre as pessoas nem sempre são afinadas e bonitas de se escutar, e as vezes são bem desafinadas, mas nada que uma troca de cordas e uma boa afinação não resolva. Nas relações as crianças podem entender o significado de pedir desculpas e de pedir ajuda ao outro nos cuidados com seus instrumentos, sejam eles de música ou de alma (RODRIGUES; ROSIN, 2011).

Segundo Joly (2011), em todo o tempo, os músicos irão se deparar inúmeras vezes com composições orquestrais totalmente diferentes, algumas até duram muitos anos com os mesmos

músicos. Entretanto, uma hora ou outra, terá que haver substituições, o que não significa, que o som necessariamente ficará feio, mas sim, apenas diferente, com uma beleza diferente, ou até melhor, já que pode ser necessário que alguns sejam substituídos, por não agregarem positivamente. Essa analogia pode traduzir-se bem clara para as relações, posto que umas podem ser boas e construtivas, mas outras más e destrutivas. No universo infantil, às vezes surge o *bullying*, as chantagens emocionais, chacotas ou humilhações, mas por meio de uma reformulação das relações, tudo pode melhorar significativamente (JOLY, 2011). Relações essas que são na maioria das vezes formadas por “grupinhos” na infância e mais tarde “tribos” na adolescência, e o que mais demarca tais divisões é o fato de que os indivíduos possuem algo em comum, como a orquestra mencionada antes.

A criança com a psicomúsica aprende que precisa tocar bem e que para isso precisa tocar em conjunto com os outros, de forma que consigam combinar em um só tom ou ritmo. Os grupos, para firmarem amizade e confiança, precisam estar em sintonia, ou senão, serão no final desmanchados por não possuírem “química” ou um propósito firme que os unam (SILVA, 2010).

Essa falta de “química” também pode vir inclusive do seio familiar, as discussões e brigas entre os pais, a negligência destes ou até mesmo a falta de um ou outro na vida dessa criança, afetarão diretamente a saúde mental dessa, e ao trabalhar e se disciplinar pela prática constante da música, a criança absorve maior afinco acerca de saber mais sobre a cultura daquilo que escuta, suas origens, saber mais sobre quem compôs ou apenas canta, a ter uma atenção e foco mais aguçado, treinar a retenção de suas memórias e lembranças sobre as músicas, entre tantos outros ganhos (RODRIGUES; ROSIN, 2011).

Para as crianças que possuem afinidade ou talento com o teatro, autores como Lima (2012) mostram que psicodrama e psicomúsica tem muitas coisas em comum, e inclusive são utilizadas juntas para atingir objetivos e metas visando o bem-estar. A música é utilizada tanto como pano de fundo quanto no centro das atenções, seja para conter fortes emoções e sentimentos frente aos colegas e a plateia, seja para intensificar esses e reforçar mensagens a serem transmitidas.

A música é um instrumento bastante efetivo que “fala” sem precisar “falar”, e acaba contribuindo na integração de diversos pontos fundamentais do psicodrama, como, por exemplo, na liberação de conteúdos reprimidos pelo acesso destes pela música. Moreno a respeito dessas duas áreas, o psicodrama e a psicomúsica, diz:

Naturalmente, assim como o psicodrama não pretende substituir o teatro profissional, tampouco a psicomúsica pretende substituir a música profissional. Ambos têm uma nova função e novos objetivos. Os instrumentos originais do homem são seu próprio corpo, suas cordas vocais, produzem ritmos musicais, e seu próprio aparelho auditivo atua como ouvinte. A descoberta de materiais da natureza como metais e cordas abrem caminho para o desenvolvimento da conserva músico-técnica. E com o desenvolvimento de instrumentos musicais, vai sendo transmitido de mão em mão o avanço da notação musical, uma linguagem abstrata e altamente especializada que, por suas pretensões e seu efeito cultural, nem pode ser comparada à matemática (MORENO, 2006, p. 334).

Moreno (2006) também fala dessa experiência como a “conserva cultural”, ou seja, como a forma tradicional de se fazer música conforme se vê em tempos mais modernos, e disto, pode-se pegar por exemplo as diversas ferramentas tecnológicas existentes atualmente. Que reduz e limita, em muito, a criatividade das crianças, como também de jovens e até adultos. E como copiar e melhorar o que outros já fizeram está se tornando cada vez mais um padrão, deixa-se de lado a possibilidade de explorar o máximo potencial espontâneo e criativo presente em nossos corpos e mentes, para deixar que a música flua e saia naturalmente, e que essa seja transbordada pelo corpo em forma de liberdade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa pesquisa, notou-se o potencial da psicomúsica na facilitação do processo de psicoterapia, uma vez que flexibiliza a relação do paciente com o terapeuta pela propriedade lúdica e inspirativa natural da música, e pela capacidade de proporcionar a experiência catarse, essa entendida como alívio emocional (ALMEIDA, 2006). Assim, sustenta-se que a psicomúsica pode transmutar-se numa ferramenta fundamental no tratamento psicológico infantil, enriquecendo o processo terapêutico pelas razões aqui expostas; não estando atrelada necessariamente ao método do psicodrama ou a experiência da musicoterapia; gozando, portanto, de relativa autonomia, integrando, contudo, os postulados científicos da prática psicológica.

Vale ressaltar que a presença da música na experiência de vida de uma criança é de extrema importância, pois estimula a criatividade, a espontaneidade, e serve também para motivá-la em relação a atividades em geral e especificamente as atividades próprias da psicoterapia. A música pode despertar movimentos espontâneos, não esperados, não coordenados no corpo, trazendo à tona a memória da experiência primitiva do corpo com a mente. Em resumo, a música é sempre motivadora, de modo que não se pode negar a sua

importância quando a agregamos à terapia infantil e até mesmo a terapia com pacientes de outras idades.

Dito isso, ainda pode-se afirmar que a relevância desta pesquisa está na importância de refletir sobre a utilização da psicomúsica como instrumento no atendimento psicológico infantil, contribuindo com a diversificação de técnicas utilizadas, em função da importância da diversificação de ferramentas para o atendimento psicológico infantil. Isto se dá porque a criança tem a necessidade de ser mais motivada e estimulada no seu engajamento ao trabalho terapêutico, uma vez que a variedade de métodos e ferramentas pode proporcionar maior facilidade de aproximação da criança com as atividades e propostas que fazem parte da terapia. O psicodrama, por exemplo, tradicionalmente se volta às atividades de representação de conflitos, que, uma vez expostos, são objetos do desenvolvimento do trabalho psicoterápico. Contudo, a necessidade da encenação representativa dos conflitos, bem como o trabalho de percepção dos papéis representados, necessário ao desarme do conflito, podem significar um impedimento considerável para a sua utilização com crianças.

Nesse contexto, a música, associada às representações de conflitos internos, tendo maior relevo e presença no cotidiano das crianças, pode contribuir na busca de exposição de tais experiências. Este artigo se inspira, então, na pertinência da proposta de trazer para os meios acadêmicos o conhecimento da utilização da psicomúsica na psicoterapia, evidenciando-a como uma possibilidade de estratégia terapêutica de aplicação na psicoterapia infantil. A pertinência prática deste trabalho também se expressa na possibilidade de contribuir com a disseminação da psicomúsica como ferramenta para o psicoterapeuta infantil, fortalecendo a importância do uso da arte na psicoterapia, além de pretender apresentar a proposta de que os psicólogos, em geral, conheçam a viabilidade da psicomúsica como estratégia terapêutica, cumprindo uma relevância social.

Em adição, pode-se afirmar que a introdução da psicomúsica no tratamento psicológico infantil irá auxiliar também nas diversas questões psicológicas que envolvem a infância e são alvo do trabalho terapêutico, uma vez que a psicomúsica é uma metodologia científica de interação com os pacientes, mas também é uma técnica de comprovada eficácia em relação a produção da autopercepção das emoções, capaz de provocar o estado de reflexão, orientando o paciente a pensar em seus conflitos internos pela identificação ou pela catarse. A psicomúsica é, ainda, uma ferramenta de interação com o corpo, uma experiência sensível de autopercepção que pode ser utilizada em casos específicos que envolvem disforias corporais (CUKIER, 2002).

Considerando a música como a arte de combinar os sons e expressar os sentimentos, temos como fontes musicais o próprio corpo e os instrumentos musicais, com suas harmonias

e ritmos. Tais aspectos podem auxiliar a criança em seu tratamento, fazendo com que expressem seus sentimentos, sendo, assim, um poderoso caminho de descoberta de possibilidades e exploração das emoções, resultando, além de tudo, em um ambiente agradável que facilita todo o processo. A psicomúsica pode ainda ser utilizada como técnica de aprendizagem de valores potencializados pelas experiências musicais tais quais o trabalho em equipe, a empatia, o respeito etc. (MORENO, 1974).

Destarte, o que se espera é que por meio deste estudo, mais psicólogos e profissionais da área da psicologia tenham a possibilidade de compreender melhor acerca dos benefícios da psicomúsica no tratamento psicológico infantil, uma vez que existem poucos estudos voltados para presente temática, tornando-se necessário a iniciativa de mais pesquisas relacionadas ao tema aqui proposto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, W. C. **Psicoterapia aberta: o método do psicodrama, a fenomenologia e a psicanálise**. São Paulo: Ágora, 2006.

ALVES RIBEIRO, Mayara. **A análise musicoterapêutica da experiência de composição musical: Interfaces com o psicodrama**. Dissertação (Mestrado em música) – Universidade de Goiás, Goiânia, 2014.

ARAÚJO, P. G. F. “**Amanheceu, peguei a viola...**”: Psicomúsica com criança no psicodrama bipessoal. Dissertação (Mestrado profissional em psicologia), Faculdade Metropolitana, Aracaju, 2013.

ARAÚJO, Rosane Cardoso; ANDRADE, Margaret Amaral. Experiência de fluxo e prática instrumental: dois estudos de caso. **DAPesquisa**, v. 6, n. 8, p. 553-563, 2011.

ARISTÓTELES. **Política**. Edição Bilíngue. Tradução de António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990.

ARNON, Shmuel. Intervenção musicoterápica no ambiente da unidade de terapia intensiva neonatal. **Jornal de Pediatria**, v. 87, n. 3, p. 183-185, 2011.

BRITO, Raquel Cardoso; KOLLER, Silvia Helena. Redes de apoio social e afetivo e desenvolvimento. **O mundo social da criança: natureza e cultura em ação**, p. 115-130, 1999.

BRUSCIA, Kenneth. The nature of meaning in music therapy. **Nordisk Tidsskrift for Musikterapi**, v. 9, n. 2, p. 84-96, 2000.

CUKIER, R. **Palavras de Jacob Levy Moreno**. São Paulo: Ágora, 2002.

CUNHA, Débora Cestaro da. Cantodrama: um instrumento de intervenção terapêutica na abordagem psicodramática bipessoal e grupal. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 24, n. 2, p. 38-46, 2016.

D'ÁVILA, Nícias Ribas. O Batuque: das raízes afro-indígenas à Música Popular Brasileira. *In: Anais do Colóquio Internacional de Estudos sobre a América Latina de Comunicação*. Realizado em São Paulo, 2009. p. 1-24.

D'AVILA, Daniel Camparo. Das (Im)Possibilidades de uma Psicologia Musical. **TransForm. Psicol. (Online)**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 81-99, 2009.

FREGTMAN, C. Daniel. **Corpo, Música e Terapia**. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Editora Cultrix, 1989.

JOLY, Ilza Zenker Leme. Música e Educação: reflexões sobre a importância da música nos processos educativos. **Educação Musical Infantil**, p. 15-37, 2011.

KELLERMANN, Peter Felix. **O psicodrama em foco**. São Paulo: Agora, 1998.

LIMA, C. O. **Musicoterapia e Psicodrama: Relações e Similaridades**. São Paulo: Conservatório Brasileiro de Música, 2003.

MATTOS, Sandra Carvalho de. O professor de música como tutor de resiliência. *In: Anais do XXIV Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música*. Realizado em São Paulo, 2014.

MONTEIRO, R. **Técnicas fundamentais do psicodrama**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MORENO, Jacob Levy. **Fundamentos do psicodrama**. São Paulo: Agora, 2014.

MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1993.

MORENO, Jacob Levy. **Psicomúsica y sociodrama: cinematografía y tv terapéutica**. 2 ed. Buenos Aires: Ediciones Hormés, 1977.

MORENO, Jacob Levy. **Psicoterapia de grupo e psicodrama**. Tradução de A. C. Cesarino. São Paulo: Mestre Jou, 1974.

PADILHA, Marisa do Carmo Prim. **A musicoterapia no tratamento de crianças com perturbação do espectro do autismo**. Dissertação (Mestrado em saúde), Universidade da Beira Interior, Faculdade de Ciências da Saúde, Corvilhã, 2008.

REES, Dilys Karen. Considerações sobre a pesquisa qualitativa. **Signótica**, v. 20, n. 2, p. 253-274, 2008.

RODRIGUES, Carmen Aguera Munhoz; ROSIN, Sheila Maria. **A importância do ensino de música para o desenvolvimento infantil**. Maringá: UEMA, 2011.

ROJAS-BERMÚDEZ, Jaime G. **Qué es el psicodrama? teoría y práctica**. Editorial Celcius, 1984.

TELES RIBEIRO, João. **Psicodrama e Musicoterapia: A complementaridade da expressão emocional**. Portugal, 2014.

VALONGO, Martha Figueiredo. Psicomúsica. *In: MONTEIRO, R. (org.). Técnicas fundamentais do psicodrama*. São Paulo: Brasiliense, 1993.